

1. Introdução

1 Introdução

Brincar com palavras sempre foi meu passatempo predileto. Aos 10 anos, para poder falar sobre coisas que normalmente não deveriam ser ditas, propus a uma amiga que tentássemos falar ao contrário. Começamos num bê á bá onde não havia como disfarçar a inversão da língua e chegamos a um grau sofisticado de construção: falávamos com agilidade, as pequenas palavras viravam totalmente do avesso, as maiores eram invertidas pelas sílabas e inventamos de acentuar a sílaba tônica num lugar diferente.

Esse último disfarce era infalível. Parecíamos duas estrangeiras falando. E era o mesmo português de sempre, só que com uma roupa nova. Falávamos um dialeto árabe de manhã na escola: Mob ádi! (Bom dia!) Iuf lâm an vápro ed arítohis... (Fui mal na prova de história...)

A brincadeira fez tanto sucesso que não era raro sermos chamadas na hora do intervalo para um pequeno número demonstrativo com uma platéia ávida por "pescar" palavras. Até hoje, isso acontece. De vez em quando minha família pergunta como ficaria alguma palavra ao contrário. Para mim, continua divertido.

A poesia também é uma paixão antiga que nunca deixei de lado. Durante alguns anos, participei de um grupo de poesia, o *Saliva Voadora*, que se apresentava entre o Rio de Janeiro e algumas cidade de Minas Gerais, sempre unindo poesia e música às performances. Em 2002, até gravamos um CD. Depois do *Saliva*, veio o *Ai Ai Ai Social Clube*, cuja proposta era reunir várias leituras, em composições musicais e poéticas, sobre o amor. Paralelamente ao *Saliva e ao Ai Ai Ai*, mantive ativo um blog chamado www.nopaísdaspalavrilhas.vox.com, onde registro minhas próprias produções poéticas.

Desde 2004, realizo com crianças e adolescentes de Teresópolis uma Oficina de escrita, onde eles escrevem histórias e as publicam, conhecem e trabalham textos de outros autores, como Arnaldo Antunes. O exercício da oficina tem permitido que compartilhem algumas questões e se detenham sobre o próprio

texto que produzem sobre elas. O trabalho com o texto, falado ou escrito, é sempre surpreendente.

Os adolescentes participantes da oficina conheceram Antunes através de seu poema *Paradeiro*. A primeira frase do poema, sob o impacto da voz forte do artista, foi marcante. Foi com ela que quiseram mexer: "Haverá paradeiro para o nosso desejo dentro ou fora de um vício?" foi por eles transformada em: "Haverá um lugar para o nosso futuro dentro ou fora de um desejo?"

Agora a poesia entrou nessa pesquisa de doutorado, a partir do trabalho de Arnaldo Antunes com a materialidade da palavra. Acho que, verdadeiramente, o motivo da escolha pela poesia de Antunes foi, para além da qualidade artística e da marca pessoal de seu descascamento de palavras, sua voz grave, de um baixo profundo, que soa tão estranha quanto próxima, como as antigas canções de ninar: "Boi, boi, boi, boi da cara preta...."

Isso toca o tema do primeiro capítulo dessa tese, que versa sobre a ressonância da palavra como algo que é constitucional. Em 1975, na *Conferência de Genebra sobre o sintoma*, Lacan fala da presença de *detritos* na *água da linguagem*:

Tenho visto muitas crianças pequenas, a começar pelas minhas. O fato de que uma criança diga *talvez*, *ainda não*, antes mesmo de ser capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há algo nela, uma peneira que se atravessa, através da qual a água da linguagem chega a deixar algo para trás, alguns detritos com os quais brincará, com os quais necessariamente terá que desembaraçar-se.

Encontramos, desde *O Projeto* de Freud, em 1895, a referência a certos traços de memória e, especialmente, ao *Einziges Zug*, o traço único, por onde gira toda a questão do escrito na obra freudiana, bem como a investigação sobre como se dá a representação no sistema psíquico. É daí que partimos para chegar mais perto do que há de constitucional nesses tais "detritos" que ressoam da palavra. Isso que ressoa, ressoa da fala, e se escreve como traço. O mal-entendido que ressoa da fala é constitucional para a psicanálise.

Do traço de Freud, vamos ao significante de Lacan no segundo capítulo, que trata das ressonâncias da voz na psicose. Desde o segundo período do curso de psicologia, a experiência clínica com a psicose faz parte do meu trabalho, que se

seguiu na pós-graduação que fiz no IPUB - Instituto de Psiquiatria do Rio de Janeiro e no tema do mestrado na UERJ: a paranóia.

O centro desse capítulo é a voz da alucinação, que revela o ouro da palavra na psicose, bem como os efeitos de seu eco, em contraponto com a neurose. Um percurso pelo conceito de metáfora em Lacan também é nuclear nesse momento. Através de duas situações clínicas, o texto define o foco sobre o que se materializa na voz: a própria língua. Apresentamos, como finalização, um certo *saber-fazer* com a língua, um fazer que circula entre os poetas e escritores, e sobre o qual o neurótico sabe muito pouco.

Fomos, então, no terceiro capítulo, perguntar a Arnaldo Antunes e à poesia concreta sobre esse *saber-fazer*. Os rumos do conceito de letra em Lacan e o procedimento metodológico de Antunes são convergentes no que diz respeito ao trabalho com o que há de material na palavra. Da tipografia à caligrafia, a letra de Lacan revela o litoral onde está localizada.

A poesia de Antunes nos ensina sobre um modo de construção com a palavra que não tem compromisso com o sentido. O caminho é outro, é o da edição, da desmontagem, da apresentação do osso da palavra, até que salta dela um imprevisto que é ouro, tanto para Antunes quanto para a psicanálise.